

Anotando ideias, roubando conversas: entrevista com Natalia Borges Polesso

Annotating ideas, stealing conversations: interview with Natalia Borges Polesso

Vitor Ceil¹

Resumo: Natalia Borges Polesso tem se destacado no cenário da literatura brasileira contemporânea. Em entrevista concedida ao coordenador do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, que consiste em mapeamento da literatura brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva dos próprios escritores, Polesso discorre sobre seu processo de escrita criativa, avalia a recepção de sua obra e reflete tanto sobre aspectos relativos à literatura brasileira quanto sobre a possibilidade de protagonismo feminino oferecido pela internet.

Palavras-chave: Natalia Borges Polesso; Literatura brasileira contemporânea; Homoerotismo feminino.

Abstract: Natalia Borges Polesso has stood out in the contemporary Brazilian literature scene. In an interview granted to the coordinator of the extension project “News from Current Brazilian Literature: Interviews”, which consists of a mapping of Brazilian Literature of the beginning of the 21st century from the perspective of the writers themselves, Polesso gives her account on her own creative writing process, assesses the reception of her work, and reflects upon aspects pertaining to Brazilian literature as well as upon the possibility of feminine protagonism offered by the internet.

Keywords: Natalia Borges Polesso; Contemporary Brazilian literature; Female homoeroticism.

Introdução

Natalia Borges Polesso nasceu em 1981, em Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha. Em janeiro deste ano concluiu o doutorado em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com a tese *Literatura e cidade: cartografias metafóricas e memória insolúvel de Porto Alegre (1897-2013)*. Fez doutorado-sanduiche na Université Sorbonne - Paris IV e concluiu o Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade na Universidade de Caxias do Sul, com dissertação sobre os contos de Tânia Jamardo Faillace.

Escritora multipremiada, Natalia Borges Polesso estreou em livro em 2013, com a coletânea de contos *Recortes para álbum de fotografias sem gente* (editora Modelo de Nuvem), obra vencedora do Prêmio Açorianos 2013 na categoria contos. O livro seguinte, *Coração à corda*, publicado pela editora Patuá, reúne poemas escritos entre

¹ Doutor em Estudos Literários (UFMG). Professor da Universidade Federal de Rondônia e líder do grupo de pesquisa Ética, Estética e Filosofia da Literatura (UNIR/CNPq). E-mail: vitorcei@gmail.com.

2013 e 2014. O livro de contos *Amora* (Não Editora), também publicado em 2015, foi vencedor dos prêmios AGES - livro do ano, Açorianos de Literatura na categoria contos 2016, 1º lugar no Prêmio Jabuti categoria contos e crônicas, além do prêmio Jabuti Escolha do Leitor.

Em 2017, Polesso tornou-se destaque internacional. O livro *Amora* foi traduzido para o espanhol por Julia Tomasini e publicado na Argentina, no Uruguai e no Chile, pela editora independente Odelia, sediada em Buenos Aires. E a escritora foi incluída na lista “Bogotá39-2017”, que reúne os 39 melhores escritores de ficção da América Latina com menos de 40 anos. Uma antologia será publicada em janeiro de 2018 por editoras de vários países.

Em entrevista exclusiva concedida em maio de 2016 (com exceção da última pergunta, respondida em dezembro de 2016), Polesso confessa que está sempre anotando ideias e roubando conversas; revela-se esperançosa com a literatura feita hoje no Brasil; reflete sobre os principais desafios para a edição de novos escritores; defende que as possibilidades de edição se ampliaram significativamente; comemora a internacionalização da literatura brasileira; comenta sobre a possibilidade de protagonismo feminino oferecido pela internet e avalia a importância da emergência de novos discursos e vozes. Confira a entrevista, que contou com a participação das discentes Claudete Gomes Rodrigues, Helen Lopes Ribeiro, Lurriene Luana Batista Gutierrez e Rita Ferreira Maciel, do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Rondônia.

Cada escritora possui um *modus operandi*, por assim dizer... Comente sobre o seu processo criativo. Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se percebeu uma escritora de verdade?

Eu sempre gostei de escrever. Tenho coleções de cadernos e folhas soltas com histórias, poemas, tentativas de alguma coisa. Tenho também arquivos virtuais iniciados em 1998, nos quais não mexo. Então, escrever para mim sempre foi uma ação presente. Gosto de escrever pela manhã. Mas isso nem sempre é possível. Sou professora de inglês e doutoranda em teoria da literatura, e ser essas coisas consome

muito do meu tempo. Mas se eu puder escolher, gosto de escrever de manhã. De toda forma, escrevo sempre, estou sempre anotando ideias, roubando conversas. Já disse em outra entrevista, acho que a escrita começa de verdade na escuta das coisas, das pessoas, do mundo. Então, eu me percebo como escritora desde muito tempo. Agora, ser escritora no mundo, ser legitimada por um sistema, reconhecida por pares, ter meu trabalho lido, isso é muito diferente de se sentir ou se perceber escritora “de verdade”.

Você vê traços em comum entre a tradução (como você a pratica) e a escrita autoral?

Eu não traduzo mais. O que me deixa muito triste. Estou distante da prática de tradução no momento. Mas sim, dá pra ver algo em comum, porque é sempre uma escolha léxica subjetiva.

O que você acha dos escritores brasileiros contemporâneos? Ou, afastando a pergunta de nomes específicos, para pensar a literatura brasileira atual como um todo: o que você vê?

Vejo um movimento fantástico. Vejo cada vez mais editoras (sérias e não sérias) tentando suprir uma demanda de produção literária; vejo que a autopublicação está mais acessível e é uma via de combate às grandes editoras que controlam, bem ou mal, o que temos mais acesso, o que vemos mais por aí; vejo a internet como plataforma legítima do sistema literário. Enfim, vejo muita produção. No entanto, acho que ainda não somos capazes de avaliar se essa produção é de “qualidade” ou não. Com a emergência de tantas vozes, é preciso entender a relevância dessa, digamos, abertura, antes de “julgar” o que é bom ou não. Outro fator muito importante atual é a internacionalização da literatura brasileira, estamos sendo publicados e lidos fora do país, muito mais. Uma vez as pessoas só conheciam Paulo Coelho e Machado de Assis, agora, temos, por exemplo, Raduan Nassar, Lygia Fagundes Telles sendo indicados a grandes prêmios literários. Mesmo o Luiz Ruffato acaba de ganhar o prêmio Hermann Hesse na Alemanha. Isso é incrível. Em 2015, estive em Paris fazendo doutorado sanduíche (graças a uma bolsa CAPES) e participei do Salon du

Livre em que o Brasil era o país homenageado. Além disso, participei como autora da Printemps Littéraire Brésilien, evento que reúne escritores badalados e outros menos da literatura contemporânea. Veja, todos esses eventos apontam para um sistema literário crescente e relevante no cenário mundial. Fico muito esperançosa.

Quais os principais desafios para a edição de novos escritores no Brasil de hoje?

Olha, é difícil dizer. Apenas posso falar de um ponto de vista. Faço parte do corpo editorial de um selo dentro de uma editora. A gente recebe muita coisa e é complicado saber o que “pode” ser publicado. É preciso ter critérios bastante específicos quanto a qualidade do texto, mas também é preciso entender sobre o posicionamento do selo na editora, da editora no mercado, enfim. Agora, por exemplo, existe uma pequena-grande editora no Brasil hoje que se chama Patuá. A Patuá é a editora de um homem só. Eduardo Lacerda, seu dono, editor, revisor, administrador, entregador, empilhador de caixas, relações públicas e psicólogo de escritor incompreendido, faz todo o serviço sozinho. Desde a leitura de originais até o lançamento, por vezes. Enfim, os desafios para a edição de novos escritores dependem de muitos fatores, sejam, de criação, mediação, do mercado, da distribuição, da recepção. Acho que o principal desafio é entender o desafio exatamente.

O que mudou na sua vida depois que seu livro *Recortes para álbum de fotografia sem gente* venceu o Prêmio Açorianos de 2013 na categoria contos?

Pessoalmente, muita coisa. É bem gratificante saber que seu trabalho foi reconhecido, em alguma instância. Contudo, na época do prêmio, não saiu nenhuma resenha do *Recortes*, e me lembro de ler uma nota no jornal da capital daqui dizendo que não se podia encontrar o livro na feira do livro (risos). Incongruências do sistema. Ganhei um prêmio, mas a pequena editora pela qual eu tinha publicado não tinha muito alcance. Claro que o prêmio dá um respaldo junto à crítica, mas isso não garante leitores.

***Amora* apresenta 33 contos que tratam do homoerotismo feminino em diversas situações e fases da vida. Nesses tempos de intolerância e conservadorismo,**

como está sendo a recepção do livro?

Maravilhosa. Tenho recebido muitas mensagens de leitores via e-mail ou Facebook, críticas, resenhas, o livro está sendo comentado, o que me enche de alegria.

Em sua dissertação de mestrado, você afirma que a produção acadêmica e cultural feminina ainda busca estabilidade, ao mesmo tempo em que se observa crescimento de grande impacto qualitativo nas redes de movimentos sociais, acadêmicos e políticos na área. Pensando nisso, o que mudou na (e para a) literatura de autoria feminina depois da internet?

Muita coisa. As redes sociais têm essa característica: dão voz e certo poder para quem não tem nenhum nem outro. Todas as campanhas e hashtags, como Minas na história, #leiamulheres; #leiamulheresnegras, etc. alavancaram essas produções que acabam sendo mais vistas e, por consequência, mais lidas, ouvidas, compreendidas e mais estudadas academicamente. Por outro lado, não há muito como prever o impacto, digo em termos de qualidade, de todo modo, acho que isso é muito positivo. Lembro do discurso da Viola Davis no Emmy de 2015, depois de ganhar o prêmio e sendo a primeira mulher negra a ganhá-lo, ela disse que a única coisa que separava as mulheres negras das brancas era oportunidade e perguntou quantas protagonistas negras as pessoas viam na TV. Por que será que só em 2015 uma negra ganhou o Emmy de melhor atriz? Protagonismo. Uma coisa que a internet oferece é o protagonismo. É possível ter uma voz ali. Para a autoria feminina em geral, esses movimentos de apoio e de conscientização, fazem emergir discursos e vozes a serem ouvidas. Isso é importante.

Como você vê a recepção de sua obra?

Não sei direito. Não sei se alguém que esteja ainda começando possa responder essa pergunta sem cair em armadilhas. Mas eu posso dizer o que espero (risos). Espero ser lida. Esta entrevista é a prova de que, com a literatura, estou chegando a lugares que jamais imaginei chegar. Isso me deixa muito feliz e lisonjeada.

Como você define a sua obra?

Se a pergunta anterior era difícil, esta aqui se torna impossível de responder. Então, eu deixo pra crítica e/ou pra teoria, se um dia houver interesse em definir a minha produção, o que, honestamente, também não sei predizer.

Em novembro de 2016, com o livro *Amora*, você ganhou dois Prêmios Jabuti e, pela segunda vez, o Prêmio Açorianos. Em maio daquele ano nós te perguntamos como vê a recepção de sua obra e o que mudou na sua vida após o Açorianos de 2013. O que mudou de lá pra cá?

Bom, prêmios literários, apesar de terem júris técnicos, sempre têm um fator subjetivo da indicação. Recebi o email de uma das juradas do Jabuti, depois da premiação, dizendo que meu livro teria sido indicado na primeira fase pelos outros jurados também. Isso me deixou muito contente. Dá pra dizer que o *Amora* tem agradado (e surpreendido!) muita gente e eu fico extremamente feliz com isso. O primeiro Açorianos, lá em 2013, me deu ânimo para continuar, agora os Jabutis (Contos e Crônicas e Escolha do Leitor) e mais uma vez o Açorianos, pessoalmente, renovam a minha esperança e força na escrita. Sobre suas reverberações, acho que é cedo para avaliar, mas tenho boas expectativas. O *Amora* vai para a segunda edição agora no fim do ano, ou seja, já estava indo bem em termos de distribuição e alcance. Então, com a visibilidade que os prêmios oportunizam, creio que ele possa ir mais longe, tocar mais pessoas. Espero ao menos.

REFERÊNCIAS

- POLESSO, Natalia Borges. *Literatura e cidade: cartografias metafóricas e memória insolúvel de Porto Alegre (1897-2013)*. 234 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017a.
- _____. *Amora*. Trad. Julia Tomasini. Buenos Aires: Odelia, 2017b.
- _____. *Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2015a.
- _____. *Coração à corda*. São Paulo: Patuá, 2015b.
- _____. *Recortes para álbum de fotografias sem gente*. Caxias do Sul: Modelo de

Nuvem, 2013.

_____. *As relações de poder e o espaço urbano como região nos contos de Tania Jamardo Faillace*. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

Recebido em: 04/07/2017

Aceito em: 23/08/2017